

Escrevem os Leitores

Já recebi algumas edições por meio de um irmão. Gostaria de receber essa revista que serve para informar e edificar.

Pedindo a Deus por intermédio de Nossa Mãe Santíssima, Maria, que cumule de bênçãos os que trabalham para "Desbravador".

Viva Jesus, Maria e José!!!!!

Maria Antonia Netto Eira Velha Santos – SP

Fiz hoje à tarde leitura rápida de um caderno "O Desbravador" e que me chamou a atenção e interesse. Gostaria de saber se é possível adquiri-lo, de que forma e em qual endereço.

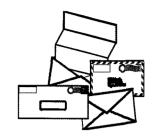
Ademar Walter Reisdorfer Curitiba - PR

Gostaria que me enviassem seus exemplares para....
Parabéns pelo conteúdo, no aguardo,

Jaqueline M. Vale São Paulo-SP

Estou escrevendo para renovar a minha assinatura anual do jornal "O Desbravador". Estou enviando uma contribuição de..... para o jornal conforme o recibo de depósito em conta corrente acima anexado.

Laís Marcondes Costa Leite Rio de Janeiro – RJ



O DESBRAVADOR

PUBLICAÇÃO PERIÓDICA BIMESTRAL DO GRÊMIO "SANTA MARIA"

DIRETOR

MESSIAS DE MATTOS ASSISTENTE DE DIREÇÃO MOACIR ANDRADE DE PAULA SUPERVISÃO

HERIBALDO CARDOSO DE BARROS GERALDO JOSÉ DE MATOS JANILSON ALVES DIAS

REDAÇÃO

PE. SÁVIO FERNANDES BEZERRA REINALDO RODRIGUES DOS SANTOS RONILSON VERÍSSIMO NILTON RODRIGUES DOS SANTOS LUIZ HENRIQUE DE OLIVEIRA FRANCISCO DE ASSIS SILVA

SECRETARIA

PATRICIA MIDÕES DE MATOS MARIA DO CARMO MAZZI RUFINO SHEFFERSON SANDER FERREIRA MARIA PAULA BRANCO DE MATOS CLARA REGINA B. DE MATOS

EXPEDIÇÃO

JORGE HENRIQUÉ S. RIBEIRO FRANCISCO JOSÉ BRANCO DE MATOS

GERSON FERNANDES DOS SANTOS ROGÉRIO VERÍSSIMO MANOEL RAIMUNDO S. MOURA

GRUPO DE APOIO
JOÃO PEDRO BRANCO DE MATOS
EMANOEL ROBSON WENDT
ARTUR DE OLIVEIRA PASSOS
RENATO BARBOSA DOS SANTOS
FABIANO ALVES DE OLIVEIRA

COMPOSIÇÃO ESTÚDIO "FRA ANGÉLICO"



CORRESPONDÊNCIA CAIXA POSTAL - 1525 01059 - 970 SÃO PAULO SP e-mail – odesbravador@uol.com.br

Editorial

O Século XIX foi um momento em que os incrédulos pensavam em derrotar a Santa Igreja através de um cientificismo e um racionalismo que explicaria tudo naturalmente, sem precisar do sobrenatural.

Pois bem, nesse século esse naturalismo levou solenes derrotas, através de fatos inexplicáveis naturalmente.

Assim, em Paris, na Rue de Bac, a Santíssima Virgem Maria, aparecendo a uma irmã de caridade, Santa Catarina de Lebouré, presenteou os homens com a Medalha Milagrosa que a partir de então seria fator de grandes conversões.

Ou então, em Turim, na Itália, aonde dois sacerdotes fizeram maravilhosos milagres, derrotando os arautos do naturalismo. Referimo-nos a São José de Cotolengo e São João Bosco. O primeiro mantendo a Pequena Casa da Divina Providência, que até hoje é o maior hospital do mundo, com o auxílio dos céus.

Dom Bosco, já tão conhecido de nossos leitores, realizou sua obra apostólica fazendo um número incontável de milagres.

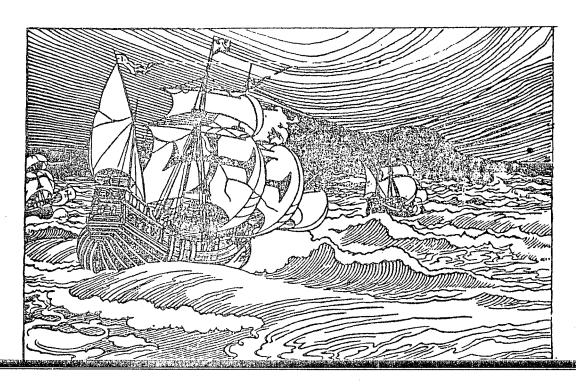
Por outro lado, em Ars, na França, um padre de aldeia, o Cura de Ars, de parcos recursos intelectuais, operava conversões numerosas, a ponto do demônio dizer em um exorcismo que se houvesse 3 Curas de Ars, ele, demônio, estaria perdido.

E o que falar das aparições de Nossa Senhora em Lourdes, da fonte milagrosa, do corpo incorrupto de Santa Bernadete?

Com tudo isso, a impiedade levou solenes bofetadas. E é bom lembrar fatos milagrosos como o da escada de São José que focalizamos nesta edição.

De um lado, isso encanta, enleva e afervora as nossas almas. De outro, ajuda-nos na Fé e nos faz ficar contentes com o fato de pertencermos à Santa Igreja Católica, pois é nela que Deus manifesta tais maravilhas e é também nela que Nossa Senhora e os Santos agem de forma tão sublime.

Que o milagre narrado e mostrado na presente edição nos faça amar mais a Deus, a Nossa Senhora e os Santos e nos ajude a sermos melhores membros da Igreja Católica.



A ESCADA DE SÃO JOSÉ

O caso aqui narrado é mundialmente conhecido. É atestado por inúmeros testemunhos É um caso de evidente ação sobrenatural. Sobrenatural esse que só se manifesta na Santa Igreja Católica.

Não é fruto de farsas e a escada está no local até hoje, firme, sólida e forte.

Aqui lançamos três desafios: Em primeiro lugar aos não católicos. Para esses dizemos: por que não se tornarem católicos?

Em segundo lugar aos maus católicos: por que não se arrependem de seus erros e pecados e se convertem a uma vida santa?

Finalmente aos descrentes: como explicar maravilhas como essa e como outras em que é evidente a ação divina, tais como o milagre de Lanciano, corpos intactos de santos, água de Lourdes, etc.?

Tenham humildade e digam que Deus existe e sua Igreja é a Católica. Que Nossa Senhora e São José os ajudem.



Cidade de Santa Fé, Estado do Novo México, Estados Unidos.

Lá, um mistério que já dura 130 anos e que atrai cerca de 250 mil visitantes por ano. Destino: Capela Loretto

O que torna a capela diferente de todas as outras é que o objeto dos fatos extraordinários nela ocorridos é uma escada.

A capela foi construída no final do século 19.

Quando ficou pronta as freiras sentiram falta de uma escada que as levasse até o pavimento superior.

Elas passaram 9 dias rezando para São José, que, como sabemos, foi carpinteiro.

Um desconhecido bateu na porta da capela no último dia. Disse que era carpinteiro e que poderia dar conta da tarefa.

Ele construiu, sem ajuda de ninguém, a escada que é considerada um prodígio de carpintaria.

Ninguém sabe como ela ficou de pé. A escada não tem suporte central.

Depois, o carpinteiro, que não usou prego nem cola para construir a escada, sumiu sem deixar vestígios. Nem esperou para receber o pagamento

Logo correu a notícia na cidade de Santa Fé, que passou a acreditar que o carpinteiro na verdade era São José, enviado por Jesus Cristo para atender as súplicas das freiras. Desde então, a escada passou a ser chamada de milagrosa, e virou ponto de peregrinação.

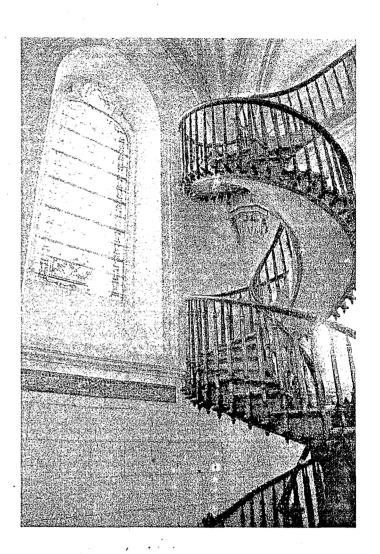
Há três mistérios aqui, explica o porta voz da capela: o primeiro mistério é que não se documentou até hoje, quem é o homem que construiu a escada.

O segundo mistério é que arquitetos, engenheiros e cientistas dizem que não entendem como a escada se equilibra.

E o terceiro mistério: de onde veio a madeira? Já fizeram análises e não existe nada parecido em toda a região.

Um detalhe só reforçou a crença no suposto milagre: a escada tem 33 degraus, a idade de Cristo.

Em suma, é um fato maravilhosamente extraordinário que desafía incrédulos, não católicos, os quais não tem resposta para tantas maravilhas.



A Parapsicologia explica?

Houve época que quando se colocava na parede um incrédulo sobre fatos milagrosos, ele respondia dizendo que "a parapsicologia explica", mas não dava a menor suposta explicação.

Hoje não se apela mais para "explicações" parapsicológicas para elucidar fatos como o da escada de São José, pois a única resposta digna de alguém honesto intelectualmente para esse fato é reconhecer que Deus existe, que acontecem milagres e que maravilhas ocorrem por meio de Nossa Senhora e dos Santos.

SANTOS NAS MAIS VARIADAS SITUAÇÕES DE VIDA

Nós temos ideias exageradas a respeito da verdadeira santidade. Pensamos que consiste no operar grandes coisas, no empreender penitências austeríssimas. no rigorosamente, no viver uma vida triste e sem conforto. Mas, não: a verdadeira santidade consiste na pratica exata dos mandamentos de Deus e da Igreja e no cumprimento das obrigações do nosso estado. Um cristão que executa à risca os deveres da sua condição, seja operário, seja camponês, artífice, rico ou pobre e que o observa as leis de Deus e da Igreja, se santificará por certo. A perfeição está contida na esfera das operações ordinárias do dia e não devemos procurá-la fora dali, devaneando a pensar em outros estados melhores. Não é o hábito, lugar ou tempo que fazem os santos, mas o cumprir exatamente as ações comuns que se nos apresentam dia por dia, hora por hora.

O nosso engano é desejar um outro estado, julgando que lá poderemos nos santificar, mesmo que descuidemos de nos aperfeiçoar no estado ao qual Deus nos chamou.

"Oh! Se estivesse em tal mosteiro quão bem serviria a Deus! Oh! Se estivesse fora do mundo, quantas penitências não faria! Oh! Se tivesse talento e riquezas, quanta gloria não daria a Deus e quantos serviços não prestaria a lgreja!"

Ilusões! Ilusões! O Senhor não vos deseja lá, mas neste estado em que vos encontrais e ao qual vos chamou. Aquí devels fazer-vos santos; aqui deveis agradar a sua Divina Majestade, com o exato cumprimento das vossas obrigações. É preciso refletir seriamente e rezar muito, antes de escolher um gênero de vida. Mas uma vez alcançado um estado, à luz divina, não se deve mais abandonar e devemo-nos persuadir que naquele e não em outro, sonhado em nossa fantasia ou pelo nosso capricho, farnos-emos santos. S.Paulo exorta os cristãos a permanecer na vocação a que são chamados. Sois religioso? A santidade para vós consiste na pratica exata das regras do instituto e na observância dos vossos votos. Um regular, que em toda a sua vida, segue fielmente as constituições da ordem ou congregação a que

pertence, cindirá a aureola da santidade. A vida S.João Berchmans nada oferece de extraordinário, nada que exceda a vida comum. e ele foi a personificação das regras da Companhia de Jesus. Sois pais de família? Para vós a perfeição está na vossa casa mesma; e acha-la-eis no exercício do vosso ofício, no educar cristamente os filhos, no temor de Deus e na devoção a Maria SS., no amar a vossa consorte e viver em paz com ela, na prática dos deveres de um bom cristão. Não perseis que tornar-vos santos, haja de mister abandonar mulher e filhos e homiziar-vos num deserto a fazer penitencia: não. A perfeição está intimamente unida ao exato desempenho das vossas obrigações de pai. Sois mãe de familia? Far-vos-eis santa obedecendo ao vosso marido dando sã educação à prole e cumprindo com esmero todos os deveres impostos pelo estado: em que viveis. O santuário doméstico será para vós um mosteiro, um deserto de paz em que podeis achar a Deus e agradar-lhe como uma virgem no claustro, ou o Sumo Pontífice em seu trono, ou um monarca em seu paco dourado.

Vede o que acontece no teatro? Quem recebe os aplausos da multidão não é o ator que tepresenta a pessoa do rei ou do principe; mas o que desempenha fielmente o seu papel, seja de camponês, seja de pobre operario, e acontece muita vezes que o monarca cênico faz fiasco, ao passo que é aplaudido o súdito. Assim sucede na vida



Deus ama e aplaude a quem cumpre exatamente o seu oficio sem distinção de pessoas; e o humilde ferreiro de mãos calejadas, que vive cristãmente, é mais querido a Deus do que os reis coroados de diadema e vestidos de púrpura, que espezinham a sua lei.

A santidade é própria de todos os estados e consiste no exato cumprimento das obrigações da própria condição. Quando nos persuadiremos desta verdade e quando envidaremos todos os esforços para procurar a perfeição em nossas ações cotidianas?

SANTA ZITA

Uma santa entre as criadas



Santa Zita A agua dada a um pobre, mas mãos do Zita se transformou em saboroso vinho.

Zita se fez santa na humilde condição de criada.

Nasceu no condado de Lucca em 1210, sendo seus pais Lombardo, pobre campônio e Bonissima, mulher com falta de bens, mas rica em virtudes. Zita correspondeu à educação cristã que lhe deram os bons genitores. Bastava que lhe dissessem que uma ação desagradava a Deus, para que dela fugisse com horror. Na idade de 12 anos foi colocada a trabalhar na casa de um cidadão luquense de nome Fatinelli. Entrando para aquele ofício, a pia virgem compreendeu logo que a perfeição e a santidade, para ela, consistia no exato serviço dos patrões e pôs mãos à obra com santo ardor.

De manhã levantava-se com antecedência para dar-se à oração e ouvir a santa Missa na Igreja vizinha, e achava-se sempre pontual nas horas as quais eram exigidos os seus serviços.

Dotada de engenho precoce, previa de ordinário o que se lhe pudesse ordenar; e quem a visse sempre aplicada nos serviços domésticos, diria que ela não pensava em outra coisa, mas é sabido como lhe era familiar a presença de Deus e quantos atrativos experimentava na oração e na solidão.

Uma vida tão humilde, tão mortificada, laboriosa e obediente deveria encontrar a aprovação dos patrões e dos outros criados. Todavia, assim permitindo o Senhor para provar a sua esposa, a sua modéstia era julgada uma tolice, a diligência no prever as ordens e, um temor para não ser repreendida e um secreto orgulho de aparecer e sobressair. A patroa não se contentava com o que ela fazia e as informações caluniosas dos criados serviam não pouco a fomentar a antipatia. Desaprovava-se o seu silêncio e recolhimento, gracejavam com a sua devoção e pontualidade, censurava-se a sua vida penitente. Desprezada, injuriada, maltratada com tanta injustiça, Zita jamais mudava o seu modo de viver; e estava sempre tranguila, sempre doce, sempre calma e nunca pronunciava palavra de lamento. Antes, pagava o bem pelo mal, à quisa do cordeiro que lambe afetuosamente a mão de quem rouba a lã ou da árvore de bálsamo, que perfuma o machado que inexoravelmente a fere. Uma virtude tão provada e tão perseverante triunfou das invejas e das antipatias; e os patrões enfim descobriram o tesouro que possuíam e juntamente com os criados fizeram jus ao seu mérito.

Tal mudança de afeto e tratamento afligiu profundamente o espírito de Zita, ávido de humilhação; como o amor aos padecimentos e aos desprezos a faziam exultar, assim também a confiança que nela foi posta e a estima que lhe era demonstrada, descontentavam-na, de modo que a patroa para alegrá-la fingia-se, às vezes, irritada ralhando-lhe mesmo pelos serviços bem feitos. Era encarregada do serviço da casa e se aplicou a ele com toda solicitude, como se se tratasse de afazeres da própria família. Inimiga do ócio não perdia um minuto de tempo; e no período de 50 anos que serviu naquela casa, foi sempre vista com algum trabalho nas mãos. Dizia: "As principais qualidades de uma criada são o temor de Deus, a fidelidade, a humildade e o amor ao sofrimento. Não há criada devota que não seja laboriosa. Uma devoção preguiçosa nas pessoas do nosso estado é uma devoção falsa."

Uma piedade assim sólida e verdadeira era acompanhada de outras virtudes. Concebera desde os primeiros anos um amor extraordinário à pureza e não se pode exprimir até a que ponto de delicadeza praticava esta virtude. Nunca olhou no rosto de homem e procurou sempre mortificar o seu corpo com abstinências, tomando alimentos grosseiros. Um dia, ouvindo por acaso uma palavra não muito decente de um criado, concebeu tanto horror que quase desfaleceu; e sairia logo daquela casa se o libertino não fosse antes expulso. Para guardar uma gema tão preciosa, pôs um freio à sua carne com os rigores das mais austeras penitências. Jejuava rigorosamente todo o ano e quase todo o dia a pão e água; andava descalça. Mesmo no inverno; dormia no chão e às vezes, para o regalo, sobre tábuas; levava uma corda tão estreitamente cingida aos rins, que depois da morte observou-se que tinha entrado dois dedos na carne. A humildade correspondia às outras suas virtudes e estava tão compenetrada de um baixo conceito de si mesma, que se maravilhava de como não fosse desprezada e odiada por todos e como Deus a pudesse suportar na terra. O único prazer que se lhe podia dar era desprezá-la e ter dela um baixo conceito, como de uma coisa vil e abjeta. Respeitava a todos os outros criados e os amavacomo se fossem seus patrões. Obedecia sempre sem opor dificuldades e algumas pessoas, amigas da dona da casa, tinham o cruel prazer de mandá-la a meia légua fora da cidade, em tempo de chuva ou de tempestade, com algum recado; e Zita partia imediatamente, com alegria, cumpria a ordem e voltava, toda molhada, sem se queixar. Mas enquanto executava o serviço, a sua mente estava sempre no Céu e o seu coração não palpitava senão pelo Divino Esposo. Parecia a Tobias com amor e atenção, contemplava a Deus e o amava com transportes seráficos de caridade.

De noite, retirava-se na sua pobre cela, colocada no lugar mais remoto da casa; e lá, no silêncio, passava muitas horas numa altíssima contemplação, que muitas vezes só era interrompida pela luz do dia nascente. Entre tantas virtudes, refulgiu principalmente a sua caridade para com os pobres. Depois de obtida do patrão a permissão de auxiliar os infelizes, não havia mísero ao qual prontamente não socorresse, concorrendo Deus com evidentes milagres. Numa grande carestia que afligiu a cidade, esvaziou o celeiro da casa para dar de comer aos famintos. Disso teve conhecimento o patrão, que a reprovou de tanta prodigalidade; mas a santa, cheia de confiança na Providência, pediu-lhe com humilde submissão que visitasse o celeiro. Ele foi e com grande pasmo o encontrou cheio de trigo escolhido, colocado sem dúvida pelo Senhor. Um

pobre forasteiro ardendo em sede pediu-lhe um pouco de vinho, pelo amor de Deus. Zita naquele momento não tinha; mas invocou o nome do Senhor e correu ao poço para haurir água. Ao apresentá-la àquele infeliz trocou-se em excelente vinho; o poço chama-se, ainda hoje: "Poço de Santa Zita", em memória do milagre. Em uma noite de Natal, sendo rigidíssimo o frio, o patrão emprestou-lhe um manto para ir assistir a função solene, advertindo-o de lhe restituir porque bem sabia que dava tudo aos pobres, ficando só com um vestido para si. Ora, aconteceu que ela encontrou-se com um pobre seminu, todo enregelado pelo frio, na porta da Igreja; e movida à compaixão, sem pensar na ordem do patrão, jogoulhe nos ombros o manto. Voltando para casa foi repreendida por aquela esmola; mas ela respondeu que o pobre o teria restituído, se não desse de boa vontade. Com efeito, na manhã seguinte, viu-se comparecer aquele pedinte e entregar o manto; depois do que, desapareceu e nunca mais foi visto. Repreendida às vezes pelas esmolas, respondia: -"Como? Jesus Cristo pede-me a esmola na pessoa dos pobres, e ousarei eu negá-la?"



Era por Deus favorecida com êxtases, com o dom das lágrimas e com outros muitos carismas sobrenaturais, que dão luz e esplendor à santidade.

Em 1272 foi por Jesus Cristo chamada às núpcias eternas do Céu, na idade de 62 anos. Sobre a casa em que expirou suavemente no osculo do Senhor, apareceu uma luz misteriosa e ouviram-se os meninos a gritar pela cidade: "Morreu Santa Zita".

Os funerais se mudaram em magnifico triunfo que lhe prestou toda a cidade. Os numerosos milagres que Deus operou em seu sepulcro, fizeramna em breve ser inscrita entre os santos.

A santa criada de Lucca mostra claramente que também no meio do mundo, nos ofícios mais humildes, pode-se ser santo, com o exato cumprimento dos deveres impostos pela própria condição.

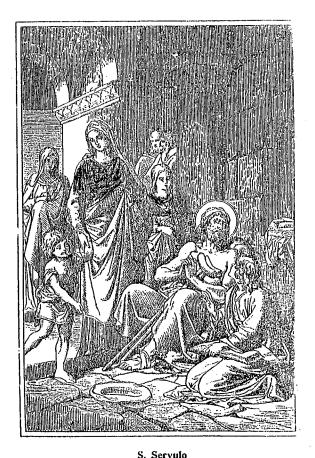
A graça é a mesma para os pobres, como para os ricos, para os monarcas e para os súditos, para os religiosos e seculares, e só espera a nossa cooperação para fazer-nos santos. Ouçamos pois os seus doces impulsos e chagaremos à perfeição.

UM SANTO MENDIGO, SÃO SÉRVULO

No S.Gregório, tempo de ilustre pontifice, cuja tiara refulgiu da dupla aureola da ciência e da santidade, toda Roma foi edificada pelas virtudes de um pobre homem, de nome Sérvulo, que jazia sob o pórtico pelo qual se entra na Igreja de S.Clemente, pedindo esmola aos fiéis. Extenuado e quase consumido por longa e atroz paralisia, que começou nos tenros anos de sua infância, não podia mover-se e estava sempre deitado num tolerou pobre catre. Ele a penosa enfermidade, animado pelos sentimentos de Santo Job, bem dizendo o Senhor, que o afligia para purificá-lo, e jamais deixou escapar uma palavra de lamento ou de impaciência. Aquele mesquinho catre parecia um altar e Sérvulo uma vítima que ardia nas chamas do Divino amor, elevando ao Céu um perfume agradável em odor de suavidade. A violência do mal ò golpeou a ponto de não poder mais levantar as mãos até a boca; e devia sempre permanecer imóvel, deitado de costas.

Tinha a mãe e um irmão que o assistiam; e por meio deles dava aos pobres o que recebia diariamente dos fiéis, contente de viver na sua extrema pobreza, por amor a Deus. E era, por certo, coisa maravilhosa e edificante ser um mísero enfermo, que se esquecia de si próprio para socorrer os seus outros irmãos pobres.

Conquanto não soubesse nem pudesse ler, contudo fazia comprar livros devotos e pedia a alguns religiosos que os lessem para ele; de modo que, mesmo sendo analfabeto e ignorante, aprendeu a ciência da salvação e os segredos da via espiritual. Passava o tempo rezando, meditando e cantando salmos e



Não havendo, ás vezes, quem lhe fizesse a caridade de ler algum capitulo da Biblia, ou de um outro livro religioso, pedia a um pobre lhe proporcionasse esso prazer.

hinos de louvor ao Senhor, como se fosse o homem mais feliz e trangüilo do mundo.

O que vê as coisas na luz celeste e recebe os acontecimentos das mãos de Deus, conformando-se à sua vontade, acha a paz « mesmo nas dores e nas enfermidades. Na . parte interior da natureza surgirão repugnâncias e aversões, mas não já na vontade, a qual repousa em Deus e é indiferente às dores e às alegrias. Quando o viajante chegou aos cumes mais altos dos Alpes, contemplou, debaixo de seus pés, no dorso da montanha, formarem-se terríveis furações, condensarem-se as nuvens, faiscar os relâmpagos, ribombar o trovão, esfuziar o vento rijo, desencadear-se a saraiva e flagelar a seara e os vinhedos, enquanto que ele goza

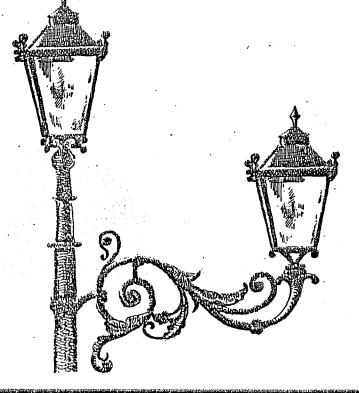
dum ar puro e balsâmico e brilha sobre sua cabeça um sol majestoso num céu de safira. O mesmo acontece a quem chegou a conformar a sua vontade com a adorável vontade do Senhor.

36

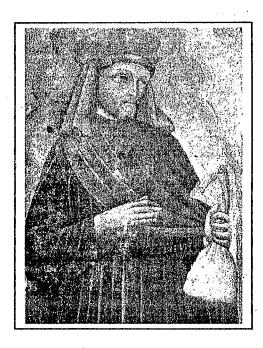
Sérvulo era levado, de dia, debaixo dos pórticos da Igreja para pedir esmola aos fiéis e de noite ao hospital vizinho. Deus lhe revelou a hora de sua morte feliz. Uma noite convidou os peregrinos, que dormiam perto dele no hospital, a levantarem-se para cantar com ele alguns salmos e assim prepara-se para a vinda do Espírito celeste, que em breve o conduzirá à núpcias eternas do Céu. Enquanto cantavam, Sérvulo de repente com ar celeste, disse: "Calai, calai; não ouvis a bela e alegre harmonia que ressoa no Céu?" E assim dizendo aquela alma eleita deixou a terra e voou a continuar os seus cantos com os anjos e santos do Paraíso. Admirável prodígio! Aquele corpo consumido pelas enfermidades, desprendeu de si um perfume suavíssimo, como se estivesse cheio de essências odorosas.

Deus ilustrou-lhe o sepulcro com numerosos milagres e a sua vida pobre e paciente foi figurada em várias telas na Igreja de S.Clemente. O santo pontífice Gregório conclui a narração dizendo:

-"Mas, pergunto-vos, meus caríssimos irmãos em Jesus Cristo, de que maneira poderemos nos escusar no dia do juízo final, tendo recebido da liberalidade do nosso Criador mãos e pés para trabalhar e observar a santa lei de Deus, quando com tanta frequência a transgredimos? Um homem pobre, paralítico, incapaz de todo movimento, emprega-se exatidão no serviço divino; e nós, sãos de corpo e capazes de operar somos tão negligentes, tão miseráveis e tíbios quando se trata de servir a Deus e de trabalhar pela salvação das almas. Não penseis, não, que Nosso Senhor naquele dia de juízo nos confundirá com o exemplo dos apóstolos que converteram o mundo ou dos mártires que deram o sangue pela fé. Ele nos oporá este pobre Sérvulo, o qual tendo os braços impedidos pela paralisia, os desligara para fazer o bem e para cumprir a lei divina".



Um santo entre os negociantes SANTO OMOBONO



Omobono fez-se santo na sua casa de comércio, entre as agitações e os rumores dos negócios. Nasceu em Cremona, no ano de 1157, de pios comerciantes que sabiam unir as suas fadigas à prática constante dos deveres cristãos, e foi chamado no batismo Omobono, certamente por prelúdio da bondade de vida que devia ter no curso de seus anos. Cresceu sem estudar as letras, mas aprendeu o espírito de um verdadeiro sequaz de Jesus Cristo e começou logo a trabalhar na casa paterna.

Em tal ocupação ele se mostrou tão prudente e tão exato no vender e comprar que atraiu a admiração de todos os cidadãos. Simples e veraz nas suas palavras, contente de qualquer pequeno ganho, recebia a todos com docura e cortesia. Por mais ásperos e caprichosos que fossem os fregueses, a paciência de Omobono era sempre a mesma; comprasse ou rejeitasse com desprezo a sua mercadoria era sempre inalterável e de rosto alegre e tinha a mesma urbanidade, a mesma afabilidade e bom trato para com todos. A multidão, o tumulto e a afluência de gente jamais

interrompia a sua união com Deus; e ainda que fosse obrigado a responder a pessoas de humor diverso, de gosto particular e às vezes desarrazoado, ele satisfazia a cada um com a mesma bondade e mansidão. Apenas se encontrava livre de suas ocupações, empregava o tempo lendo algum livro de piedade que tinha semprè consigo; mas ou estivesse orando interiormente a Deus, ou lendo, interrompia tudo, sempre que se apresentasse alguém no armazém. Observava as festas de preceito, santificando-as com os exercícios de piedade que a Igreja propõe aos fiéis, evitando as tabernas, onde muitíssimas vezes se ofende o Senhor. Jamais contaminou a sua alma com juramentos, mentiras e perjúrios e não traiu a justiça dando sempre o peso justo e ganhando só o que a honestidade permite. Ainda que desejasse viver só, todavia uniu-se em casamento a uma senhora sábia e devota, que lhe propôs o pai.

As suas virtudes luminosas, as boas maneiras, a mansidão que usava com todos e o seu amor à justiça atraíam numerosíssimos fregueses ao seu negócio, e este prosperava dia a

Herdeiro único do pai, à morte deste quis logo comprar com o dinheiro terrestre as alegrias do paraíso e mudar as riquezas caducas da terra com as eternas do Céu. O seu armazém tornou-se o refúgio dos miseráveis; e todos os pobres da cidade encontraram em Omobono um pai amoroso, cheio de compaixão para com as suas misérias. A esmola jamais empobreceu a quem quer que seja; e quanto mais o nosso santo dava aos pobres, tanto mais abundantemente tinha o necessário. Não se compreende como tivesse podido socorrer tantos infelizes, dar tanto dinheiro, saciar a fome a tantos necessitados e aliviar um número tão grande de pobres de Cremona e dos arredores. Mas o homem de Deus sabia com a esmola corporal dar também a espiritual exortando à virtude, à fuga do vício, ao amor e à religião. As suas palavras, inflamadas da caridade divina, valiam mais do que uma eloquente predica e tocavam os corações mais endurecidos nas iniquidades.

Muitos pecadores e muitos hereges, que haviam resistido à graça, foram convertidos pela linguagem simples, mas cheia de unção celeste, de Omobono. Não podia o demônio suportar tanta liberalidade para com os pobres; por isso induziu a esposa, conquanto proba e virtuosa a lamentar-se com o marido como excessivamente pródigo de seus haveres, temendo reduzir-se logo a um estado deplorável de miséria. Omobono euviu em paz aquelas lamúrias e depois respondeu: - "Não temas, minha doce esposa. O Senhor prometeu o cêntuplo nesta vida e a glória eterna na futura; o dinheiro que distribuímos aos pobres achá-lo-emos além do túmulo /e nos cariquecerá por todos os séculos eternos. A esmola nunca empobreceu ninguém e Deus virá sempre em nosso auxílio." Com efeito, o Senhor interveio com prodígios a mostrar quão grata lhe fosse aquela generosidade. No tempo da carestia, saindo Omobono da Igreja, foi cercado por um grupo de miseráveis que pediam/pão, ele os conduziu a sua casa e distribuiu-lhes tudo o que havia. Chegou a mulher, a qual, avisada pelas vizinhas do que fizera o marido, correu à dispensa para certificar-se; e com grande maravilha achou-a toda cheia de sua branquíssimo pão de trigo escolhido.

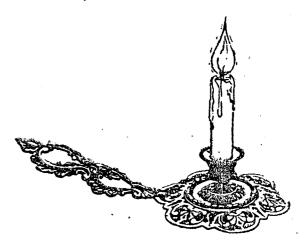


O amor que Omobono nutria para com os pobres era efeito do que nutria para com Jesus Cristo. Era visto, por horas inteiras aos pés do Crucifixo, imóvel, todo abrasado no rosto e as copiosas lágrimas que deslizavam dos olhos davam a entender que um fogo de amor ardia-lhe no interior. Todas as tardes, terminadas as suas ocupações diárias, passava uma hora diante do SS.Sacramento, abrindo o seu coração ao seu Jesus amado. Além do tempo determinado as orações na Igreja, o armazém, o quarto e a rua eram para ele lugar de oração, cumprindo o conselho do glorioso apóstolo São Paulo, o qual exorta os homens a rezar onde quer que se

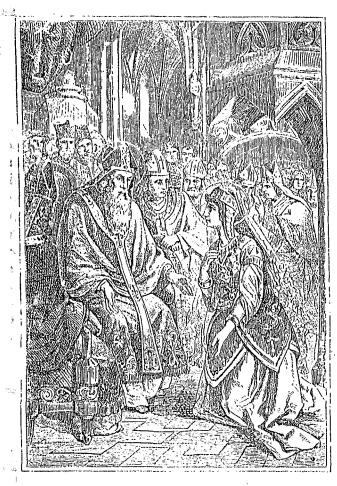
encontrem, elevando a mente a Deus. O pandemônio dos mercados, o alarido das feiras, as distrações do armazém não alteravam o seu recolhimento interior. Assistia toda noite o Oficio divino na Igreja de Santo Egydio e um venerando sacerdote de nome Oberto encarregou-se de lhe abrir a porta. Mas, uma vez, tendo Omobono antecipado a hora, achou milagrosamente as portas abertas pelos espíritos celestes, e, tocado o sino para as matinas, os religiosos viram-no já na Igreja com grande maravilha. Depois de quarenta anos de santa vida, chamou-o Deus à glória eterna para recompensá-lo de sua generosa caridade. A 13 de novembro de 1197 foi de noite, segundo o seu costume, assistir o canto das Matinas na Igreja de Santo Egydio e ficou até a manhã para ouvir a Santa Missa.

Entoado pelo sacerdote o hino angélico "Gloria in excelsis Deo", estendeu os braços em forma de cruz e caiu prostrado no chão. A sua bela alma, soltando-se dos vínculos da carne, se alara para cantar a glória e o eterno hosana com os anjos e santos do Paraíso. Os assistentes não perceberam isso e pensaram que ele se prostrara por espírito de penitência, mas não tendo se levantado ao evangelho, sacudiram-no, julgando que ele dormia e o acharam cadáver. Deus operou muitos estrepitosos milagres em seu sepulcro e a Igreja por meio de Inocêncio III o inscreveu no álbum dos santos, propondo-o como modelo dos seculares e principalmente aos negociantes.

A vida de Omobono diz-nos claramente que também no meio do mundo, no tumulto dos afazeres pode alguém santificar-se, dado que firmemente o queira.



SANTA PELÁGIA PENITENTE



Santa Pelagia

Els aqui as riquezas de Satanaz; pego-vos as acceltels e dellas fazei o que vos aprouver. D'oravante procurarei minha riqueza só em Jesus,

Pelágia, a mais célebre das mulheres da cidade de Antioquia, possuía muitos bens e riquezas, hábitos ostentatórios e vãos, era impudica de espírito e de corpo. Quando passeava pela cidade fazia-o com tal ostentação que nela se viam apenas ouro, prata e pedras preciosas e por onde ia enchia o ar com o odor de seus diversos perfumes. Era sempre precedida e seguida por imensa multidão de moças e de rapazes também brilhantemente vestidos.

Um santo padre chamado Verônio, bispo de Heliópolis, hoje Damieta, ao vê-la começava a derramar lágrimas amargas por ela se interessar

mais em agradar ao mundo do que ele em agradar a Deus. Prosternando-se, batia o rosto na terra e regava-a com suas lágrimas, dizendo:

"Deus altíssimo, perdoe-me, pecador que sou, porque essa meretriz gastou mais tempo em adornar seu corpo para um único dia do que empreguei em toda a minha vida para me salvar. Ó Senhor, que os enfeites de uma meretriz não sejam, para mim, motivo de confusão quando aparecer em presença de sua temível majestade. Ela se orna com os mais refinados cuidados terrenos, e eu, que me propus agradar a meu Senhor imortal, fui negligente e não cumpri minha promessa"

Ele falou aos que se encontravam ali: "Na verdade, digo a vocês que Deus apresentará essa mulher contra nós no dia do Juízo, porque ela se pinta com cuidado para agradar amantes terrenos, ao passo que nós negligenciamos em agradar o esposo celeste". Enquanto dizia coisas deste tipo, subitamente adormeceu e viu, em sonho, uma pomba negra e extremamente fedorenta esvoaçar à sua volta enquanto celebrava a missa. Quando disse aos catecúmenos que se retirassem, a pomba desapareceu e voltou depois da missa. Então a mergulhou em um vaso cheio de água, de onde saiu limpa e branca, voou tão alto que não se podia vê-la, e aí o bispo acordou.

Uma vez que ele pregava na igreja, Pelágia estava presente e ficou tão comovida com suas palavras, que por meio de um mensageiro mandou-lhe uma carta dizendo: "Ao santo bispo, discípulo de Cristo, Pelágia, discípula do diabo. Se quiser comprovar que é verdadeiramente discípulo de Cristo, que pelo que ouvi desceu do Céu em favor dos pecadores, digne-se me receber, por pecadora que seja, mas arrependida". Ele respondeu: "Peço não tentar minha humildade, porque sou um homem pecador, mas se você deseja ser salva não poderá me ver sozinho, e sim junto com outros".

Quando chegou perto dele e dos outros, ela segurou seus pés derramando lágrimas muito amargas e disse: "Sou Pelágia, um mar de iniquidades agitado por ondas de pecado, sou um abismo de perdição, sou sorvedouro e armadilha das almas. Muitos se deixaram enganar por mim e agora tenho horror de tudo isso". Então, o bispo a interrogou: "Qual seu nome?". Ela: "De nascimento sou chamada Pelágia, mas por causa do luxo de minhas vestes sou conhecida por Margarida". O bispo acolheu-a com bondade, ordenou-lhe uma penitência salutar, instruiu-a com cuidado no temor a Deus e regenerou-a pelo santo batismo. O diabo, que estava ali, gritava: "Ó que violência sofro desse velho decrépito! Ó violência! Ó velho malvado! Maldito o dia em que nasceu para ser meu inimigo e tirar minha maior esperança!".

Naquela mesma noite, enquanto Pelágia dormia, o diabo foi despertá-la para dizer: "Senhora Margarida, que mal fiz a você? Não a ornei de todo tipo de riquezas e de glória? Suplico, diga-me no que a entristeci, e no mesmo instante repararei o dano que fiz. Peço apenas que não me abandone, para que não me torne objeto do desprezo dos cristãos". Mas ela fez o sinal da cruz e soprou sobre o diabo, que desapareceu imediatamente. Três dias mais tarde, escondida de todo mundo, Pelágia fugiu durante a noite e foi ao monte das Oliveiras, onde adotou o hábito de eremita e passou a morar em uma pequena cela na qual serviu a Deus com rigorosa abstinência. Ela gozava de imensa fama e era chamada de irmão Pelágio.



Mais tarde, um diácono do bispo acima foi a Jerusalém visitar os lugares santos, e o bispo recomendou que após aquela visita, fosse ver um monge de nome Pelágio, porque era um verdadeiro escravo de Deus. Ele assim o fez, e ela o reconheceu de imediato, mas ele não, por causa da extrema magreza dela. Pelágia perguntou: "Seu bispo é vivo?" Ele: "Sim, senhor". Ela: "Que ele rogue por mim ao Senhor, pois é um verdadeiro apóstolo de Cristo". O diácono foi embora e voltou à cela de Pelágio três dias mais tarde. Como depois de ter batido à porta ninguém apareceu, ele forçou a janela e viu que Pelágio estava morto. Correu anunciar ao bispo, que veio com o clero e todos os monges para celebrar as exéquias de tão santo homem, mas quando se tirou o corpo da cela percebeu-se que era uma mulher. Todos ficaram muito admirados, deram graças a Deus e em seguida sepultaram honrosamente o santo corpo. Ela faleceu no dia 8 de outubro, por volta do ano do Senhor de 290.

COLABORE COM O DESBRAVADOR

- ♦ Atravessamos dias difíceis. É sabido que ocorrem dificuldades financeiras em nosso país.
- ♦ Quanto a nós, os gastos cresceram de forma assustadora. Só para darmos um exemplo, a tarifa de correio aumentou-nos consideravelmente.
- ♦ Não queremos e não podemos mudar o que nos propusemos desde o nosso primeiro número, qual seja, "O Desbravador" deve ser gratuito e, com auxílio de Nossa Senhora, continuará a sê-lo.
- ♦ Mas, mais uma vez pedimos sua colaboração. Qualquer quantia é preciosa. Basta você ir aos bancos mencionados, em qualquer agência deles, e fazer o depósito nas contas que seguem.

BANCO ITAÚ

CONTA CORRENTE 00433 - 0 (agência 0003 - Mercúrio) São Paulo - SP BRADESCO

CONTA CORRENTE 24019 - 2 (agência 278-0 - Gasômetro) São Paulo - SP

Em nome de GRÊMIO SANTA MARIA

QUE NOSSA SENHORA O RECOMPENSE

BREVIDADE DA VIDA

Quae est vita vestra? Vapor est ad modicum parens. Que é vossa vida? É vapor que aparece por um instante (Tg 4,14)

PONTO I

"Que é nossa vida?... Assemelha-se a um tênue vapor que o ar dispersa e desaparece completamente. Todos sabemos que temos de morrer. Muitos, porém, se iludem, imaginando a morte tão afastada que jamais houvesse de chegar. Jó, entretanto, nos adverte que a vida humana é brevíssima: "O homem, vivendo breve tempo, brota como flor e murcha". Foi esta mesma verdade que Isaías anunciou por ordem do Senhor. "Clama — disse-lhe — que toda a carne é erva... verdadeira erva é o povo; seca a erva, e cai a flor" (Is 40,6-8). A vida humana é, pois, semelhante à dessa planta. Chega a morte, seca a erva; acaba a vida e murcha cai a flor das grandezas e dos bens terrenos.

A morte corre velocíssima sobre nós, e nós, a cada instante, corremos para ela (Jo 9,25). Este momento em que escrevo — disse São Jerônimo — faz-me caminhar para a morte. Todos temos de morrer, e nós deslizamos como a água sobre a terra, a qual não volta para trás" (Jó 27; 15). Vê como corre o regato para o mar; suas águas não retrocedem; assim, meu irmão, passam teus dias e cada vez mais te acercas da morte. Prazeres, divertimentos, faustos, lisonjas e honras, tudo passa. E o que fica? "Só me resta o sepulcro" (Jó, 17,1). Seremos lançados numa cova e, ali, entregues à podridão, privados de tudo. No transe da morte, a lembrança de todos os gozos que em vida desfrutamos e bem assim das honras adquiridas só servirá para aumentar nossa mágoa e nossa desconfianca de obter a salvação eterna. Dentro em breve, o pobre mundano terá que dizer: minha casa, meus jardins, esses móveis preciosos, esses quadros raríssimos, aqueles vestuários já não serão para mim! Só me resta o sepulcro.



Ah! com que dor profunda há de olhar para os bens terrestres aquele que os amou apaixonadamente! Mas essa mágoa já não valerá senão para aumentar o perigo em que se acha a salvação. A experiência nos tem provado que tais pessoas, apegadas ao mundo, mesmo no leito da morte, só querem que se lhes fale de sua enfermidade, dos médicos que se possam consultar, dos remédios que os aliviem. Mas, logo que se trata da alma, enfadam-se e pedem para descansar, porque lhes dói a cabeça e não podem ouvir conversação. Se, por acaso, respondem, é confusamente e sem saberem o que dizem. Muitas vezes, o confessor lhes dá a absolvição, não porque os acha bem preparados, mas porque já não há tempo a perder. Assim morrem aqueles que pensam pouco na morte.

PONTO II

Exclamava o rei Ezequias: "Minha vida foi cortada como por tecelão. Quando ainda estava urdindo, ele me cortou" (Is 38,12). Quantas pessoas andam preocupadas a tecer a teia de sua vida, ordenando e combinando com arte seus mundanos desígnios, quando os surpreende a morte e rompe tudo! Ao pálido resplendor da última luz todas as coisas deste mundo se obscurecem: aplausos, prazeres, pompas e grandezas.

Grande segredo o da morte! Sabe mostrar-nos o que não vêem os amantes do mundo enganador. As mais cobiçadas fortunas, os postos mais elevados em dignidade, os triunfos mais estupendos, perdem todo o seu esplendor considerados à vista do leito mortuário. Convertem-se então em indignação contra nossa própria loucura as idéias que tínhamos formado de certa felicidade ilusória. A sombra negra da morte cobre e obscurece até as dignidades régias.

Durante a vida, nossas paixões nos apresentam os bens do mundo de modo mui diferente do que são. A morte, porém, lhes tira o véu e os mostra na sua realidade: fumo, lodo, vaidade e miséria. Meu Deus, para que servem depois da morte riquezas, domínio e reinos, quando, ao morrer, temos apenas necessidade de um ataúde de madeira e de uma mortalha para cobrir o corpo? Para que servem honras, se apenas nos darão um cortejo fúnebre ou pomposas exéquias, que de nada nos aproveitarão se a alma está perdida? Para que serve formosura do corpo, se não contém mais que vermes, podridão espantosa e, pouco depois, pó infecto? Ele me reduziu a ser como a fábula do povo, e sou um ludíbrio diante deles. Morre um ricaco, um governador, um capitão, e por toda parte sua morte será apregoada. Mas, se viveu mal, virá a ser censurado pelo povo, exemplo da vaidade do mundo e da justiça divina, e escarmento para muitos. Na cova será confundido com os cadáveres dos pobres. "Grandes e pequenos ali estão" (Jó 3,19). De que lhe serviu a galhardia do seu corpo, se agora não passa de um montão de vermes? De que lhe valeu a autoridade que possuia, se agora seus restos mortais estão condenados a apodrecer numa vala e a sua alma arrojada nas chamas do inferno? Oh! que desdita ser para os demais objeto de semelhantes reflexões, e não as haver feito em beneficio próprio! Persuadamo-nos, portanto, que, para remediar as desordens da consciência, não é apropriado o tempo da morte, mas sim o da vida.

Apressemo-nos a pôr mãos à obra naquilo que então não poderemos fazer. Tudo passa e fenece depressa (1Cor 7, 29). Procuremos agir de modo que tudo nos sirva para conquistar a vida eterna.

Que grande loucura expor-se ao perigo de uma morte infeliz e começar com ela uma eternidade desditosa, por causa dos breves e miseráveis deleites desta vida tão curta! Oh, quanta importância tem esse último instante, esse último suspiro, esta última cena! É uma eternidade de gozos ou de tormentos. Vale uma vida sempre feliz ou

sempre desgraçada. Consideremos que Jesus Cristo quis morrer vítima de tanta amargura e ignomínia para nos obter morte venturosa. Com este objetivo nos admoesta e ameaça, tudo para que procuremos concluir a hora derradeira na graça e na amizade de Deus.

Até um pagão, Antístenes, a quem perguntaram qual era a maior dita deste mundo, respondeu que era uma boa morte. Que dirá, pois, um cristão, a quem a luz da fé ensina que nesse momento se enceta um dos dois caminhos, o do eterno sofrimento ou o da eterna alegria? Se numa bolsa metessem dois bilhetes: um com a palavra inferno, outro com a palavra glória, e tivesses que tirar à sorte um deles para seguir imediatamente ao lugar indicado, que precaução não tomarias para tirar o que desse entrada para o céu? Os desgraçados, condenados a jogar a vida, como haveriam de tremer ao estender a mão para lançar os dados de cuja sorte dependesse a sua vida ou a sua morte? Com que espanto te verás próximo desse momento solene em que poderás dizer a ti mesmo: Deste momento depende minha vida ou minha morte eterna! Decide-se agorá se hei de ser eternamente feliz ou desgraçado para sempre!... Refere São Bernardino de Sena que certo príncipe, ao expirar, dizia atemorizado: Eu, que tantas terras e palácios possuo neste mundo, não sei, se morrer esta noite, que mansão irei habitar!

Se crês, meu irmão, que hás de morrer, que existe eternidade, que se morre só uma vez, e que, dado este passo em falso, o erro é irreparável para sempre e sem esperança de remédio: por que não te decides, desde o momento em que isto lês, a praticar quanto puderes para te assegurar uma boa morte?... Era a tremer que Santo André Avelino dizia: Quem sabe a sorte que me estará reservada na outra vida: salvar-me-ei?... Tremia um São Luís Beltrão de tal maneira que, em muitas noites, não lograva conciliar o sono, acabrunhado pelo pensamento que lhe dizia: Quem sabe se te condenarás? E tu, meu irmão, que de tantos pecados és culpado, não tremes? Apressa-te em tomar o remédio oportuno; decide entregar-te inteiramente a Deus, e começa, desde já, uma vida que não te aflija, mas proporcione consolo na hora da morte. Dedica-te à oração; frequenta os sacramentos, evita as ocasiões perigosas e, se tanto for preciso, abandona o mundo para assegurar tua salvação, persuadido de que, quando desta se trata, não há confiança que baste

AFETOS E SÚPLICAS

Quanta gratidão vos devo, meu amado Salvador! Como pudestes prodigalizar tantos benefícios a um traidor e ingrato para convosco? Criastes-me, e, criando-me, já prevíeis quantas ofensas vos havia de fazer um dia. Remistes-me, morrendo por mim, e, já então, víeis toda a ingratidão com que havia de proceder. Apenas entrando no mundo, afastei-me de vós; entreguei-me à morte, à corrupção, mas vós por vossa graça, me restituístes à vida.

Estava cego e me abristes os olhos. Tinha-vos perdido, e fizestes que vos tornasse a encontrar. Era vosso inimigo e me oferecestes vossa amizade.

Ó Deus de misericórdia, fazei-me conhecer o muito que vos devo e que chore as ofensas que vos fiz. Vingai-vos de mim, dando-me dor profunda de meus pecados; mas não me castigueis, privando-me de vossa graça e do vosso amor.

Ó Pai Eterno, abomino è detesto acima de tudo os ultrajes que fiz.

Tende piedade de mim, por amor de Jesus Cristo! Olhai vosso Filho morto na cruz, e desça sobre mim o seu sangue divino para lavar a minha alma. Ó Rei do meu coração, venha o vosso Reino. Estou resolvido a repelir toda a afeição que não seja por vós. Amo-vos sobre todas as coisas; vinde reinar em minha alma. Fazei com que vos ame como único objeto de meu amor. Desejo agradar-vos quanto me for possível no tempo da vida que me resta. Abençoai, meu Pai, este meu desejo, e concedei-me a graça de permanecer sempre unido a vós. Consagro-vos todas as minhas afeições e doravante só quero ser vosso, ó meu tesouro, minha paz, minha esperança, meu amor, meu tudo! Tudo espero de vós pelos merecimentos de vosso Filho

Ó Maria, minha Rainha e minha Mãe, ajudai-me pela vossa intercessão! Mãe de Deus, rogai por mim.

(Santo Afonso Maria de Ligório)

